



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS**

ORLANDO DE SOUZA LIRA FILHO

**HISTÓRIA, POLÍTICA E FORMAÇÃO ESCOLAR: DA PRÉ-ESCOLA
APOSTÓLICA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA AO COLÉGIO SANTO INÁCIO DE
FORTALEZA (1953) À ATUALIDADE (2014).**

FORTALEZA

2014

ORLANDO DE SOUZA LIRA FILHO

**HISTÓRIA, POLÍTICA E FORMAÇÃO ESCOLAR: DA PRÉ-ESCOLA
APOSTÓLICA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA AO COLÉGIO SANTO INÁCIO DE
FORTALEZA (1953) À ATUALIDADE (2014).**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, Campus do Benfica, como requisito para a obtenção do título de Graduado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Juraci Maia Cavalcante

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F498h Filho, Orlando de Souza Lira.

História, política e formação escolar: da Pré-escola Apostólica Nossa Senhora de Fátima ao Colégio Santo Inácio de Fortaleza (1953) à atualidade (2014). / Orlando de Souza Lira Filho. – 2014.

51 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia , Fortaleza, 2014.

Orientação: Profa. Dra. Maria Juraci Maia Cavalcante.

1. Jesuítas. 2. Ensino e Pedagogia. 3. Colégio. 4. História da Educação . I. Título.

CDD 370

ORLANDO DE SOUZA LIRA FILHO

**HISTÓRIA, POLÍTICA E FORMAÇÃO ESCOLAR: DA PRÉ-ESCOLA
APOSTÓLICA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA AO COLÉGIO SANTO INÁCIO DE
FORTALEZA (1953) À ATUALIDADE (2014).**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, Campus do Benfica, como requisito para a obtenção do título de Graduado em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Juraci Maia Cavalcante (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Patrícia Helena Carvalho Holanda
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Roberto Barros Dias
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Zuleide Fernandes de Queiroz
Universidade Regional do Cariri (URCA)

À Anderson, grande amigo, *in memoriam*.
Honesto, batalhador, ele me ensinou a
nunca desistir dos sonhos e que, mesmo
frente às dificuldades, procurar motivos
para sorrir.

À Elis de Araújo Castro, minha amiga, *in
memorian*. A quem tive o prazer de
conhecer, e que faz grande falta na vida
de quem teve o encanto de conhecê-la, e
que demonstrou sempre muita força de
vontade em cumprir seus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus por ter permitido e me ajudado em todos os momentos da minha vida, por ter me consentido a realização desta aspiração, que tantos outros não conseguem realizar e que eu tive esta imensa oportunidade.

A minha mãe, Ana Fátima a quem eu devo muito, mulher batalhadora de personalidade forte, nunca desistiu de seus objetivos e sinto que esta minha realização é parte de suas vitórias. Seu carinho, compreensão, enfim são tantos sentimentos que só palavras jamais conseguiram significá-las.

Ao meu irmão, Oséias da Silva que sempre esteve presente nas minhas decisões e buscou me incentivar a traçar os melhores caminhos, que me ouviu quando precisei e que mesmo em silêncio me fez compreender perfeitamente o que estava transmitindo.

A toda a minha família que sempre acreditou que este sonho era possível e que nunca deixou de me incentivar positivamente.

À minha professora Maria Juraci Maia Cavalcante, uma experiente pesquisadora, com quem tive o prazer de trabalhar, não apenas pelas lições acadêmicas, pois tudo isso é transitório, mas pela dedicação, orientação, paciência e, principalmente, pela amizade e incentivo.

Ao atencioso, Roberto Barros, pelas suas contribuições ao meu trabalho, ao cuidado para com as minhas imprecisões, pela amizade.

Aos professores participantes da banca examinadora, professoras Patrícia Helena Carvalho Holanda e Zuleide Fernandes de Queiroz, pelo tempo a mim dedicado, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos professores, funcionários e colegas do curso de Pedagogia da UFC pelo longo convívio e aprendizado.

Às grandes amigas que desenvolvi durante minha vida, e que pretendo conservá-las sempre, da época do colégio, Elivelton, Gildevan Gomes, Yuri Gomes, Dione Ricarte, Alana Nogueira, João Victor, Amilton Chaves, Fernando José, Dário, Lucas, Philippe Rocha, e durante a graduação, Tiago Areal, Flávio Muniz, Jahannes Rodrigues, Beatriz Castelo, Edith Morgado, Aline Sampaio, Monalisa Viana, Raquel Colaço, Sâmia Assunção, Aline Pinheiro, pelo companheirismo, pela força, pelas

festas e, mesmo que estejamos separados, especialmente, que nossos laços afetivos perdurem por toda nossa vida.

Essa vitória não é só minha, essa conquista é de todos vocês que participaram de maneira direta ou indireta desta incrível caminhada, deixo aqui o meu muito obrigado.

“É a marcha da sociedade, temos que acompanhar o tempo” (Pe. Jesuíta Pedro Alberto Campos, 2014)

RESUMO

Este estudo monográfico aborda a temática *Ação Política e Educativa dos Jesuítas Portugueses*, que surge inicialmente da pesquisa na qual estou vinculado, como aluno bolsista da graduação, intitulada: *Ação Política e Educativa dos Jesuítas Portugueses de Volta ao Nordeste do Brasil no Século XX*, a qual está em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, na Linha de Pesquisa de História da Educação Comparada. Além desta vinculação, a temática me chamou muito a atenção visto que trata dos desdobramentos do sistema educacional brasileiro, desde seu início com as missões jesuíticas até os dias atuais. A investigação vem mostrando-se muito importante, no sentido de contribuir e ampliar os conhecimentos sobre o processo de formação e estruturação do sistema educacional adotado pelos jesuítas, uma vez que estes partem do caráter civilizador do cristianismo, onde sua finalidade última seria formar cidadãos ativos e conscientes para a formação de uma sociedade mais justa. Além do mais, o assunto não foi estudado a fundo na própria região cearense, apresentando lacunas de ordem histórica. Durante o desenvolvimento da investigação pretendo identificar o quadro social, os benefícios, interesses e finalidades na fundação do Colégio Santo Inácio de Fortaleza. Destaco que o trabalho pode trazer contribuições não apenas para a instituição pesquisada, agregando mais informações e recuperação de registros e documentos sobre a sua trajetória histórica, como também pode incentivar novos estudos sobre a história educacional de Fortaleza e do Ceará, mostrando a importância da investigação e da transcrição como elementos básicos para a construção da história.

Palavras-chave: Jesuítas - Ensino e Pedagogia – Colégio – História da Educação

ABSTRACT

The monograph addresses the theme Political Action and Education of the Portuguese Jesuits, who originally comes from research in which I am bound as a fellow graduate student, titled: Political Action and Education of the Portuguese Jesuits from Around the Northeast of Brazil in the twentieth century, which is under development at the Graduate Program in Brazilian Education, Research Line in the History of Comparative Education. Besides this link, theme caught my attention since it deals with the developments of the Brazilian educational system, from its beginning with the Jesuit missions to the present day. The research has shown to be very important to contribute and expand the knowledge about the process of formation and structure of the educational system adopted by the Jesuits, since it starts from the civilizing character of Christianity, where his last purpose is to educate active citizens and conscious for the formation of a more just society. Furthermore it has not been studied thoroughly in Ceará own area, showing gaps in historical order. During the development of the research plan to identify the membership, benefits, interests and goals in the foundation of St. Ignatius of Fortaleza. I emphasize that the work should contribute not only to the research institution with more information and retrieval of records and documents about its historical trajectory, it can also encourage further research on the educational history of Fortaleza and Ceará, showing the importance of research and transcription as basic building elements of the story.

Keywords: History. Political Action. Jesuits. Educational System.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Ruínas de Lisboa.....	18
Foto 2 – Cristo Rei.....	30
Foto 3 – Abertura da gincana	41
Foto 4 – Igreja Cristo Rei anos 30	47
Foto 5 – Igreja Cristo Rei.....	47
Foto 6 – Av. Santos Dumont.....	48
Foto 7 – Inauguração do Colégio Santo Inácio de Fortaleza.....	48
Foto 8 – Ginásio coberto	49

LISTA DE QUADROS

Tabela - quantidade de noviços em Baturité.....	34
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CJ	Companhia de Jesus
CMF	Colégio Militar de Fortaleza
CSIF	Colégio Santo Inácio de Fortaleza
EJA	Educação de Jovens e Adultos
MEC	Ministério da Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
UFC	Universidade Federal do Ceará
URCA	Universidade Regional do Cariri
VPS	Vice-província Setentrional Independente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Capítulo 1 - DO PERCURSO HISTÓRICO ÀS SUPRESSÕES DA COMPANHIA DE JESUS	16
1.1 Renascentismo, Iluminismo e suas Influências sobre Marques de Pombal	16
1.2 Primeira Expulsão da Companhia de Jesus de Portugal.....	19
1.3 Segunda Expulsão da Companhia de Jesus de Portugal.....	20
1.4 Terceira Expulsão da Companhia de Jesus e a República Portuguesa	21
1.5 A vinda dos Jesuítas Portugueses para o Brasil República	24
Capítulo 2 - JESUÍTAS PORTUGUESES EM FORTALEZA	28
2.1 Quadro Religioso no Ceará	28
2.2 Igreja do Cristo Rei e a Casa de Retiros em Fortaleza.....	30
Capítulo 3 - PERCURSO HISTÓRICO DO COLÉGIO SANTO INÁCIO DE FORTALEZA – DA PRÉ-ESCOLA APOSTÓLICA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA (1953) À ATUALIDADE (2014)	32
3.1 Percurso e Fundação do Colégio Santo Inácio de Fortaleza	32
3.1.1 <i>Preâmbulo da Fundação</i>	32
3.1.2 <i>Historiografia do Colégio Santo Inácio de Fortaleza</i>	35
3.2 O Relato Oral: Memórias e Testemunhos de Jesuítas	36
3.3 Percepções no Estágio: : EJA no turno da noite.	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS	47
I) FOTOGRAFIAS	47
II) INSTRUMENTO BASE PARA COLETA DE DADOS	50

INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui a minha monografia do curso de Pedagogia, que escolhi como área temática a educação jesuítica no Ceará, no século XX. Foi desenvolvido a partir da minha inserção no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), ao ser selecionado para receber uma bolsa de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), para o período de 2013-14, ocasião em que teve início a minha formação como pesquisador na área de História da Educação, sob a Orientação da Professora Dra. Maria Juraci maia Cavalcante, junto à Linha de Pesquisa em História da Educação Comparada do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da UFC.

Trata-se de um recorte da pesquisa: **Ação Política e Educativa dos Jesuítas Portugueses de Volta ao Nordeste do Brasil no Século XX**, que está em desenvolvimento, no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira – na Linha de Pesquisa História da Educação Comparada, sob a Coordenação da Prof.^a Dr.^a Maria Juraci Maia Cavalcante. Esta pesquisa tem por objetivo principal recuperar o percurso histórico do Colégio Santo Inácio, situado na cidade de Fortaleza, Ceará. Para tanto, foi necessário situá-lo no interior da *Missão Setentrional dos Jesuítas Portugueses Dispersos*, com base em estudos de AZEVEDO (1976) e CAVALCANTE (2012).

Levanto uma história onde emergem os Jesuítas proscritos de Portugal voltando ao nordeste do Brasil em exílio e instalando residências, colégios e igrejas, em Salvador, Recife e Fortaleza, além de São Luís e Belém.

Para começar o nosso estudo, utilizamos fonte historiográfica em busca de uma cronologia dos marcos da história e memória dos Jesuítas, desde sua chegada no Nordeste do Brasil em 1549, na região que hoje é a Bahia, sua expulsão do Brasil pelo Marques de Pombal em 1760, até o seu retorno no século XX.

Vimos que a partir da Autorização do Papa Pio VI, a companhia de Jesus foi restaurada e voltou a crescer, mas, logo sofreria em 1834 uma segunda expulsão de Portugal na primeira metade do século XIX. Os Jesuítas que chegaram ao Nordeste do Brasil, nas últimas décadas do século XIX eram italianos e/ou espanhóis. Ao ser expulsa de Portugal pela terceira vez após a instalação da República, em 1910, reencontrou no Nordeste do Brasil no século XX condições de acolhimento, devido

ao quadro de um catolicismo em ebulição, que acolhe a sua missão catequética, com a fé redobrada no princípio civilizador do cristianismo, como descreve Cavalcante (2012).

O estudo permitiu-nos ver que, em meio a tanta efervescência o Jesuíta P. Antônio Monteiro da Cruz, SJ, junto a um grupo de educadores funda em 1953, na sacristia da Igreja Cristo Rei, a Pré-escola Apostólica Nossa Senhora de Fátima, que funciona ali por alguns anos, até que em 1960, após várias mudanças de nome por causa da constante adesão dos alunos foi lançada a pedra fundamental para a construção do Colégio Santo Inácio, sempre mantendo ideais Inacianos de expandir a fé católica e formar pessoas competentes para liderar.

A partir da leitura de vários documentos trazidos pelos historiadores consultados, tornou-se notável para nós que a formação do Colégio Santo Inácio, apesar de se dar nos anos de 1950, deriva de uma multiplicidade de acontecimentos históricos e políticos ligados à Primeira República brasileira, levando em consideração diversos fatores locais, conforme DELLA CAVA, 1976, Apud Cavalcante (2012) explicita: o misticismo religioso e popular, o coronelismo, o banditismo e o catolicismo romanizado.

Com o passar das décadas, o trabalho pastoral dos padres Jesuítas na paróquia do Cristo-Rei vai suscitar a criação de uma escolinha pré-primária, embrião do Colégio Santo Inácio que temos hoje. Essa ambiência social cria todo um ambiente favorável para receber os Jesuítas portugueses exilados de Portugal, em Salvador/BA, a edificação de uma residência (Escola Apostólica de Baturité), uma Igreja (Cristo-Rei) e de uma Escola de cunho Jesuíta (Pré-Escola Apostólica Nossa Senhora de Fátima), que possui um nome que em si mesmo consegue explicar sua história, interesse e finalidade, do ponto de vista educativo.

Na qualidade de Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), realizo por meio deste Projeto, a minha formação como pesquisador, agradecendo à confiança em mim depositada pela minha Orientadora, pela oportunidade de auxiliar a fomentar a história educacional de Fortaleza e do Ceará, como partes da Educação Brasileira.

Outra experiência favorável ao desenvolvimento deste estudo foi a minha inserção no Colégio Santo Inácio de Fortaleza, como Estagiário no segundo semestre de 2013, para cumprir exigência curricular do curso de Pedagogia da UFC, em 2013. Essa convivência com o Colégio foi buscada em função da pesquisa como

bolsista do PIBIC-CNPQ (01/07/2013 a 01/07/2014) despertou-me interesse quanto ao papel da pedagogia jesuítica, na história da educação brasileira, não só quanto a sua origem no tempo colonial, mais até a atualidade.

Foi esta a base para a construção paralela de minha monografia no curso de Pedagogia da UFC, a qual apresento aqui para submetê-la à apreciação dos meus examinadores, como requisito para conclusão de minha graduação.

Capítulo 1

DO PERCURSO HISTÓRICO ÀS SUPRESSÕES DA COMPANHIA DE JESUS

O presente capítulo surge para explicar o processo de expulsão da Companhia de Jesus de Portugal e de suas colônias, para tanto torna-se necessário entender alguns movimentos que ocorreram no continente europeu, durante os séculos XV, XVI, XVII e XVIII, que influenciaram diretamente ou indiretamente em todas supressões que aquela Companhia viria a sofrer.

Buscaremos trazer para o nosso relato de forma pontual os momentos da história que traçaram o percurso dos Jesuítas até sua vinda para o Brasil República, depois de 1910. Para isso, o capítulo se divide em quatro tópicos, a fim de abordar a temática proposta, inicialmente.

1.1 Renascentismo, Iluminismo e suas influências sobre Marques de Pombal.

Um dos principais movimentos que influenciaram na expulsão dos Jesuítas, foi o Iluminismo, que se trata de um desdobramento do Renascentismo que ocorreu entre os dos séculos XV e XVI, na Europa. Embora este movimento não será aqui abordado a fundo, porém torna-se necessário entender algumas de suas características mais marcantes, a fim de melhor situar o foco de atenção deste estudo.

No movimento renascentista, uma de suas principais particularidades é a existência do antropocentrismo. Este é apresentado da seguinte forma: o homem guia seu destino a partir de seus feitos, sejam eles quais forem. Outro marco do renascentismo é o uso do racionalismo, com o fim último de explicar os fenômenos do cotidiano, por meio da utilização técnica do saber prático. Mais tarde, com o movimento iluminista, no século XVIII, o racionalismo desenvolveu explicações que servirão de subsidio para o marco inicial do desenvolvimento das ciências.

Somos hoje, de fato, de uma ou de outra, herdeiros do iluminismo. E somos em escala bem mais significativa do que muitos parecem dispostos a reconhecer ou assumir, pois, quer como estilo de pensamento, quer como realidade política, o fato é que o iluminismo ainda vive. (...)

No plano político restou-nos principalmente a verdade autoritária do iluminismo, sempre distante e hostil à participação popular, tão elitista hoje quanto o eram à sua época os nossos tão familiares “déspotas esclarecidos”. De fato, com designar, na atualidade, senão como

manifestações “iluministas”, as formas iluminadas de que se revestem tantas ditaduras e líderes carismáticos, tantas elites tecnocráticas e tantos partidos que se proclamam, todos eles, donos exclusivos da verdade, ou seja, do que é melhor para todos?

No nível intelectual, o iluminismo converteu-se nesse modelo paradigmático da verdade única e indiscutível, acima de qualquer dúvida, que reconhecemos simplesmente pela palavra ciência. À sua sombra protetora vicejam a tecnocracia e a burocracia. Esse triunfo da racionalidade científica (...) representa a mais sólida e quase imbatível aquisição do iluminismo contemporâneo. (FALCON, 1994 apud Freitas Neto, 2011, p. 379)

De fato, o iluminismo aparece como ponto principal, no que se refere às ideias que vão favorecer o surgimento das sociedades modernas, onde será ressaltado o valor da razão, fazendo uma crítica ao absolutismo, às práticas mercantilistas e à Igreja católica. Os iluministas combatem a aliança entre monarquias e catolicismo, rejeitam a idéia de Deus e conhecimento fundado na fé, sendo estas as suas principais características.

O Estado português, que esteve no comando do mundo no século XVI, já se encontrava em crise há muito tempo, sendo esta, tanto econômica e política. Como nação mercantil, vinha perdendo o controle interno e externo do império, por conta do liberalismo econômico e do avanço no capitalismo europeu. Por consequência de tais fatos, não seria de surpreender que Portugal perdesse o controle de suas colônias, visto que agora crescia a complexidade do sistema colonial.

O Império Português precisava tomar atitudes para conter tais avanços sociais e políticos de outras nações sobre as suas colônias, ao mesmo tempo que estava sofrendo pressão em sua corte para obter o controle de toda a situação supramencionada, como podemos notar em FERREIRA NETO (2000, p. 225) no seu estudo realizado e nomeado como “Notórios rebeldes: A expulsão da Companhia de Jesus da América portuguesa”:

A ruína do pacto entre o Estado português e a Companhia de Jesus foi apenas, portanto, um ponto particular da grande crise de um paradigma, a do Estado absoluto português consolidado na era da contra reforma, e do sistema colonial mercantilista por ele articulado, que em outros momentos concebera tal aliança.

Ainda no contexto do iluminismo surgem os déspotas esclarecidos, que embora contestassem o absolutismo de direito divino, defendiam o governo de um monarca forte que realizasse as reformas de cunho iluminista. Os princípios dessa reforma estavam sustentados na adoção de uma administração governamental eficiente, estimulando a arrecadação de tributos e o combate à corrupção e aos privilégios dados a alguns setores, que impediam a livre concorrência. Além destas características já mencionadas, os déspotas esclarecidos também tinham uma preocupação com a flexibilização das liberdades religiosas.

Como exemplo de um grande “déspota esclarecido” pode ser citado, Sebastião José de Carvalho e Melo, também conhecido como Marquês de Pombal, primeiro-ministro do rei D. José I (1750-1777), foi nomeado Ministro de Estado dos Negócios da Marinha e dos Domínios Ultramarinos. Antes disso, nos anos de 1739 à 1743 foi embaixador de Portugal na Inglaterra; posteriormente, nos anos de 1745 à 1750, atuou como embaixador de Portugal na Áustria.

Marquês de Pombal ganhou muito prestígio com o rei D. José I e da burguesia portuguesa, após assumir a frente na reconstrução de Lisboa, vitimada de um terremoto no ano de 1755. Devido a isso, diz a historiografia que Pombal foi o principal responsável na reestruturação da cidade, e que reconstruiu-a com a intenção de torná-la um símbolo de progresso e de uma nova fase na história do povo português; após tais feitos, o rei luso conferiu amplos poderes a ele, pois a reconstrução de Lisboa significou muito, tanto para Portugal, quanto para a ressignificação dos ideais dos déspotas esclarecidos, como é dito por Maxwell (1996 apud Freitas Neto 2011, p. 460);

A reconstrução de Lisboa, após o terremoto devastador de 1755, é como um paradigma de todas as atividades [do Marquês] de Pombal no governo e representou um bom exemplo que os déspotas esclarecidos portugueses queriam que o Estado representasse. Era um papel profundamente enraizado em uma avaliação pragmática de opções, uma mistura de empréstimos e inovações ecléticos e a intervenção seletiva do Estado na sociedade para promover o que era concebido como interesse nacional.



Fonte:http://pt.wikipedia.org/wiki/Sismo_de_Lisboa_de_1755#mediaviewer/Ficheiro:Lisbon1755hangimg.jpg¹

¹ Descrição do site: Ruínas de Lisboa. Após o terramoto os sobreviventes viveram em tendas nos arredores da cidade, como ilustra esta gravura alemã de 1755.

1.2 Primeira Expulsão da Companhia de Jesus de Portugal.

Sentindo-se muito poderoso, Pombal foi quem propiciou de maneira direta a primeira e a maior expulsão da Companhia de Jesus de Portugal e, por conseguinte, da América portuguesa². Levado por ideais iluministas causou grandes transformações, tentando sempre fortalecer a política absolutista, a economia mercantilista; além disso, a sua principal e mais profunda reforma se deu no âmbito educacional, que consistia principalmente em afastar a Companhia de Jesus como dirigente de todo o sistema educacional luso e de suas províncias, o que se deu em 1759.

A expulsão da Companhia de Jesus de todos os territórios portugueses, decretada em 3 de setembro de 1759, foi uma das medidas mais polêmicas dentre as várias tomadas por Pombal. Em geral, as justificativas para esse ato são a total incompatibilidade entre o controle das práticas pedagógicas adotadas pelos jesuítas e o projeto educacional iluminista pombalino – afastar os padres-professores do Reino e das Colônias era indispensável para o desenvolvimento do pensamento racional, típico do “século das luzes”. Logo, a expulsão dos membros da Companhia de Jesus teria a mesma motivação de outras medidas características do despotismo esclarecido, como a limitação do poder da Inquisição. (MAXWELL, K. 1996 apud Freitas Neto 2011, p. 459).

A perseguição aos Jesuítas Portugueses não se deu apenas por causa do sistema Jesuítico de ensino, estava, além disso, como dito acima ligada a um dos objetivos para a “grande transformação de Portugal”, que era fortalecer a economia mercantilista. Para concretizar tais anseios, era necessário ter uma grande mão-de-obra e muitas terras para que nestas se plantassem vários produtos, e assim manter um nível de competitividade entre Portugal e os demais países. Na avaliação de Pombal, a Companhia de Jesus possuía as duas ferramentas para a saída de Portugal da crise: terras e índios. Além de tais fatos supramencionados, as missões estavam isentas de contribuições e taxas do Estado, o que desagradava Marquês de Pombal e o seu irmão, Mendonça Furtado, que desejava construir uma teia de fortificações para defender o Grão-Pará, como explicita Maxwell (1996 apud Freitas Neto, 2011, p. 459):

A política dos jesuítas com relação aos índios além de tudo, ia de encontro ao desejo de povoar e europeizar o interior através da assimilação, e o índio, segundo acreditavam Mendonça Furtado e Pombal, devia ser levado a construir “a força e a riqueza principal para a defesa das fronteiras”.

² Ler Edgard Leite, “Notórios rebeldes - A Expulsão da Companhia de Jesus da América portuguesa”, p. 227 a 246, onde podemos constatar algumas das propriedades da Cia de Jesus na América portuguesa.

O choque tornou-se inevitável, Marquês de Pombal estava com sua atenção diretamente voltada para a Companhia de Jesus. Ocorreu que, no ano de 1758, o então rei de Portugal, Dom José, sofreu uma tentativa de regicídio (tentativa de assassinato). Foi colocado, portanto, aí o pretexto que Sebastião José de Carvalho e Melo queria para incriminar os Jesuítas; a partir deste fato, foi ganhando corpo a decisão do poder da Companhia de Jesus em Portugal e nas suas províncias de ser suprimido. Finalmente, em 3 de setembro de 1759 o governo português decretou a proscricção e a expulsão da Companhia de Jesus de todo o Império.

— Decreto de expulsão dos Jesuítas, 1759.

Declaro os sobreditos regulares na referida forma corrompidos; deploravelmente alienados do seu Santo Instituto e manifestamente indispostos com tantos, tão admiráveis, tão inveterados e tão incorrigíveis vícios, para voltarem à obediência deles; por notórios rebeldes, traidores, adversários e agressores, que tem sido e são atualmente contra a minha real pessoa e estados, contra a paz pública dos meus reinos, e domínios e contra o bem comum dos meus fiéis vassallos; ordenando que como tais sejam tidos, havidos e reputados. E hei desde logo em efeito desta presente lei por desanaturalizá-los, procritos e exterminados. Mandando que efetivamente sejam expulsos de todos os meus reinos, domínios, para neles mais não poderem entrar, e estabelecendo debaixo de pena de morte natural, e irremissível e de confiscação de todos os bens para meu fisco e câmara real, que nenhuma pessoa de qualquer estado e condição que seja, dê nos mesmos reinos e domínios entrada aos sobreditos regulares... FERREIRA NETO (2000, p. 151)

1.3 Segunda Expulsão da Companhia de Jesus de Portugal

A história que retrata o trajeto do Estado português e da expulsão dos jesuítas é muito bem definida pelo Dicionário de História Religiosa de Portugal (2000-2001 apud CAVALCANTE, 2010, p. 11), quando nos é situado quantos e a nomeação dos períodos históricos: 1º Período: 1540 – 1759; 2º Período: 1829 – 1834; 3º Período: 1848 – 1910; 4º Período: 1910 – à actualidade.

Neste tópico, o período histórico no qual vamos nos deter será o 2º período: 1829 à 1834. Nesta ocasião, Portugal estava passando por uma guerra civil, conhecida também como Guerras Liberais.

Para situar melhor o leitor, apresentarei uma cronologia dos fatos mais marcantes, desde 1814 à 1834³, acontecimentos estes que influenciaram de forma

³ Cronologia criada a partir da leitura do artigo: Guerra Civil Portuguesa. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_civil_portuguesa, acesso em 4 de abril de 2014 às 18h: 46min.

direta ou indireta na Guerra Civil Portuguesa e, por fim, na detenção dos Jesuítas no forte S. Julião da Barra, localizado em Lisboa.

- 1814 – Restauração da Companhia de Jesus.
- 1822 – Independência do Brasil.
- 1826 – Morte do rei D. João VI.
- 1828 – Aclamação de D. Miguel como rei de Portugal.
- 1829 – Retorno da Companhia de Jesus a Portugal.
- 1831 – Dia 07 de abril, o Imperador Pedro I abdica da coroa Brasileira, afim de retornar ao trono de Portugal.
- 1833 – Dia 24 de julho, Lisboa é conquistada pelo exercito Liberal.
- 1834 – Dia 24 de abril, a quádrupla aliança decide se pela intervenção militar contra as forças do rei D. Miguel I.
- 1834 – Dia 16 de Maio, a batalha da Asseicera e ganha pelos pedritas assim finda o que restava do exército miguelista, neste mesmo ano os jesuítas foram presos e escoltados até Lisboa onde ficaram presos no forte S. Julião da Barra donde Partiram para Itália⁴.

A partir da análise desta cronologia, podemos notar que o período acima descrito foi marcado por diversos conflitos, causados principalmente pela disputa interna do trono português. Nota-se que a Companhia de Jesus foi restaurada em 1814, porém, só retornará a Portugal em 1829, como apoio de D. Miguel, que a pouco tornou se rei de Portugal, no ano de 1828. A Companhia de Jesus teve uma breve passagem em Portugal, pois em 1834 seria expulsa de novo, devido à vitória de Pedro IV (que fora Rei do Brasil independente, como Pedro I) sobre seu inimigo D. Miguel, dois irmãos em guerra pelo trono.

1.4 A terceira expulsão da Companhia de Jesus e a República Portuguesa.

A terceira expulsão da Companhia de Jesus vai ocorrer em 1910, quando se instala a República de Portugal. Este período, conforme foi anteriormente citado, é nomeado aqui como “3º período: 1848 à 1910” (Dicionário de História Religiosa de Portugal, 2000-2001 apud CAVALCANTE, 2010).

Em sua pesquisa intitulada, *Os Jesuítas Portugueses e a Educação no Norte-Nordeste do Brasil no Século XX*, a pesquisadora referida nos traz um importante relato do Padre Cabral - superior da Companhia de Jesus quando ocorre a terceira expulsão - e neste é perceptível o misto de indignação, ao mesmo tempo em que fica notável a grande decepção que ele teve com o Estado português, que, segundo

⁴ Ver também: http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/jesuítas/_private/hjp.htm, acesso em 4 de abril de 2014 às 22h: 32min.

ele, tenta destruir quase que 50 décadas de trabalho árduo, para a reconstrução das instituições educacionais religiosas, no reino de Portugal:

Estas palavras são cunhadas pelo brilhante orador Pe. Luiz Gonzaga Cabral, Provincial dos jesuítas portugueses, no seu folheto “Ao meu Paiz”, contra o decreto republicano de expulsão aos oito de Outubro de 1910. Depois de um trabalho de quase 50 anos em construir uma rede de instituições culturais entre as quais se destacaram os Colégios de Campolide e São Fiel e as Missões de Macau, Timor e na Zambésia (um distrito em Moçambique) a indignação do Padre Cabral se justifica por causa da política anti-religiosa dos Republicanos. Nove anos antes, surgira outro movimento contra as ordens religiosas culminando no decreto de 18 de Abril de 1901. Esse decreto exigia que todos os estatutos dos institutos religiosos fossem aprovados pelo governo. Nesta ocasião, a Companhia de Jesus foi registrada como “Associação de Fé e Pátria”. Em 1910, contudo, os revolucionários republicanos que tomaram o poder aos 4 de Outubro, foram implacáveis. O Ministro da Justiça, Afonso Costa, julgando que a religião tinha de ser condenada a desaparecer, fez tudo para realizá-lo. Expulsou os Jesuítas dos territórios portugueses no dia 8 de Outubro e restabeleceu a legislação pombalina contra eles. Instituiu, de novo, as leis de Joaquim António de Aguiar contra as ordens religiosas, abolindo-as assim. Mais: proibiu, no estado, todas as expressões religiosas. (Azevedo, 1986 apud CAVALCANTE, 2010, p.04).

Para termos uma breve noção do que significou a expulsão dos jesuítas pela República Portuguesa, o historiador Oliveira Marques nos traz alguns dados muito expressivos para esta pesquisa, com relação ao alcance do poder religioso da Igreja Católica:

Ao findar a Monarquia, a grande potência religiosa de Portugal era a Igreja Católica Apostólica Romana. O Censo de 1900 atribuiu-lhe 5.416.204 fiéis, 99,8% da população do País. Num espaço de 90.000 quilómetros quadrados, inseria 14 dioceses e quase 4.000 paróquias, o que correspondia a uma média de pouco mais de 1300 almas e 22,5 quilómetros quadrados por paróquia.

A divisão eclesiástica de Portugal, depois da extinção, ao longo do século XIX, de sucessivos bispados, incluía três províncias ou arcebispados – lisbonense, bracarense e eborense -, com as dioceses de Lisboa, Guarda, Portalegre, Angra e Funchal, pertencentes à primeira; Braga, Bragança, Porto, Lamego, Coimbra e Viseu à segunda e Évora, Beja e Algarve à terceira. Os bispados da província eborense e o de Lisboa dividiam-se em vigararias (78 ao todo) e as restantes dioceses (excluindo a do Porto e as das ilhas) em arciprestados (130 no total). Todos eles se articulavam, por fim, em 3.979 paróquias. Em cada diocese havia ainda. Para assuntos administrativos, uma cúria e um cabido adstrito. (...) Ao ser proclamada a República havia, no Portugal continental e insular, cerca de 6000 sacerdotes católicos, o que correspondia a, aproximadamente, um para cerca de 1000 habitantes. (...) A organização da Igreja Católica não assentava apenas no clero. Papel de relevo desempenhavam os muitos e variados organismos laicos postos ao seu serviço e disseminados por todo o País, com objectivos primaciais quer de promoção espiritual, quer de beneficência, associação ou protecção aos desfavorecidos. Era o caso, entre os primeiros, do Apostolado da Oração ou das Congregações de

Filhas de Maria e, entre os segundos, da Obra das Escolas para Crianças Pobres ou da Sociedade das Casas de Asilo da Infância Desvalida. A obra do Apostolado da Oração dependia da Companhia de Jesus e tinha a sua sede numa das residências dos Jesuítas, em Lisboa. O seu objectivo próprio consistia no culto do Coração de Jesus, devoção muito típica da época. (...) A obra do Apostolado da Oração tinha uma organização complexa e extensiva a todo o país, contando, em 1902, 831 centros, 1.015.282 associados (incluindo crianças e adolescentes) e 19.161 zeladores. Possuía a sua revista própria, o Novo Mensageiro do Coração de Jesus (Em 1910, simplesmente Mensageiro do Coração Jesus). Apesar do possível exagero destes números, tratava-se, sem dúvida, de uma das mais importantes organizações de leigos, verdadeira milícia com que a Igreja e a Companhia de Jesus contavam para combater o avanço das ideologias livre-pensadoras e acatólicas, incluindo nelas o republicanismo e o maçonismo. (...) (Marques, 1991 apud CAVALCANTE, p. 479-481).

O autor, no final de seu verbete, cita a Companhia de Jesus e apresenta alguns dados muito significativos, mostrando a complexidade do sistema de ensino jesuítico da época e a sua importância para a Igreja Católica, no que diz respeito aos “avanços das ideologias livre-pensadoras e acatólicas”, como já foi referido na citação acima descrita.

É fácil notar que esta última supressão da Companhia de Jesus, traz com ela diversas questões, que ficaram mal resolvidas nos séculos anteriores, pois o autor nos mostra que houve a restauração da lei pombalina de 3 de setembro do ano de 1759 (cito

uma breve passagem desta lei, no tópico, 1.1 Renascentismo, Iluminismo e suas influências sobre Marquês de Pombal). No dia 8 de outubro de 1910, foi restaurado o decreto pombalino, trazendo consigo mais uma vez a expulsão das ordens religiosas em todo o território português, ocasionando assim a revolta destas e, em especial, da ordem jesuíta que já vinha sofrendo perseguições há muito tempo.

Nesta conjuntura de supressão das congregações religiosas, incluindo a Companhia de Jesus, Cavalcante (2010, p. 02), afirma que “os intelectuais jesuítas adotam habilmente a posição de vítimas da incoerência republicana”. Nesse contexto, diante de vários relatos, um de fato me chamou atenção devido à ótima descrição dos eventos e dos sentimentos ali narrados, onde fica claro a indignação e a injustiça dos Jesuítas, em face do que estava a sobrevir para a comunidade jesuíta:

Depois de nos expulsarem da pátria os republicanos procuraram caluniar-nos; assaram-nos aleives, interpretando mal umas vezes por ignorância, mais vezes por má fé, papéis particulares nossos e de pessoas que em confiança se nos dirigiram.
Creio inútil a tarefa que se nos impuseram, com dispêndios não vulgares á custa do desfalcado erário público, nossos poderosos adversários.

Expulsaram-nos; devem estar satisfeitos com a vingança contra nós tomada; que mais querem? Tiraram-nos a pátria á qual servimos devotadamente; nela não temos direitos, nem defesa; o nosso nome de homens e de sacerdotes, os apelidos da família gravados sobre a campa que cobre as cinzas de nossos pais, estão oferecidos ao enxovalhado, ao insulto e á calunia de qualquer vilão, o qual, quanto mais infame nos seus processos, mais vitoriado será pelos órgãos da opinião liberal.

Repito: o que mais querem nossos perseguidores para o seu triunfo? Nós não temos imprensa; nossos livros não circulam no país; nossas cartas são violadas impunemente nos correios; assim o Jesuíta em Portugal tornou-se um alvo apresentado pela mão dos poderes públicos, aos ódios que neles queiram cevar tradicionais malquerenças.

Dizem que nós somos criminosos! Belo motivo na verdade para nos expulsarem daquele Eden!

Porque nos não julgaram então, e porque nos não condenaram em tribunal e em juízo regulares, com magistrado que representasse a Justiça, e dignamente declarasse o seu veredictum?

Nós estamos sendo julgados e condenados por uns folicularios, que não sabem o que é a Companhia, conhecidos por suas ideas sectárias e anti-religiosas; no tribunal de tais juizes, nós, jesuítas, nós, membros da Companhia de Jesus, nós, dedicados á Igreja de Cristo, estamos diante mão condenados.

Aproveitem-se do seu triunfo nossos poderosos adversários!

O dia da justiça e da verdade breve raiará para todos, e portanto para nós. Oxalá o da liberdade desponte para a desgraçada pátria bem digna de melhor sorte. (Os Proscritos, 1910/1914 apud Cavalcante, 2010, p. 2)

1.5 A vinda dos Jesuítas Portugueses para o Brasil República

No tópico passado, ficou clara a reação de indignação e revolta de vários membros da Companhia de Jesus, ao serem expulsos da “nova República Portuguesa”, que de “nova” não possuía muitas características, porque, afinal esta república buscou ressuscitar leis que o tempo aparentemente já as tinha vencido, como foi o caso da proscricção e expulsão da Companhia de Jesus, que ocorreu no ano 1759, por um ministro da Monarquia, Pombal, e que agora no ano de 1910, retornava, para “coroar” a República portuguesa de autoritarismo.

Portugal deixava de ser uma monarquia constitucional para ser uma república conservadora, situação não muito diferente dos Estados Unidos do Brasil, ao ser criada em 1889. Sabendo-se, porém, que após decretar independência, o Estado brasileiro procurou perder o vínculo que sua imagem havia criado com o Estado Português, tarefa difícil de realizar já que o Brasil havia permanecido muito tempo como província de Portugal e mesmo com sua declaração de independência, havia em todo o território brasileiro muitos simpatizantes com o modo de administração português.

Um aspecto apontado como ponto conflituoso nesta época era as diversas movimentações populares e de ideologias, que geravam uma instabilidade nos Estados da federação; no libelo *Os Proscritos* (Cabral, 1910/1914 apud Cavalcante, 2010, p. 10) evidencia-se este fato e ainda ressalta-se a chegada da Companhia de Jesus, como causadora de diversos protestos no Brasil:

[...] Ao chegarem ao Brasil, expulsos de Portugal, são proibidos de entrar por detreminação do Presidente da República, Nilo Procópio Peçanha, um histórico do republicanismo brasileiro, na sua faceta radical e jacobina, que integrara o grupo dos chamados “republicanos puros” e fora uma das personalidades que mais se destacaram no combate a qualquer fumo de restauracionismo monárquico motivado pelo episódio de Canudos, eleito em condições tumultuosas, com a intervenção da tropa e cuja presidência se caracterizou pela conflitualidade, designadamente entre a federação e os estados. A interdição de entrada dos Jesuítas levanta um enorme coro de protestos, com intervenções no Parlamento de Barbosa Lima e Pedro Moacyr, uma intensa campanha de imprensa, reclamações dos arcebispos de São Paulo, da Baía, do cabido metropolitano do Rio de Janeiro, do bispo de Florianópolis, dos centros católicos do Rio Grande do Sul. O Gymnasio Amazonense aprovará, na ocasião, uma «monção de solidariedade para com os perseguidos da Sciencia». É enviado um telegrama de apelo ao Presidente Tafts dos Estados Unidos, o que, uma vez mais, revela a tentativa de recolher apoios internacionais que também se encontra na «questão da Zambésia». No final, por decisão de 12 de Novembro de 1910, o Supremo Tribunal Federal concederia o habeas corpus aos sacerdotes portugueses impedidos de desembarcar no Brasil.” (ARAUJO, 2004:248)

Nesta breve citação, notamos que ainda existia um vínculo quase que fraternal com Portugal, já que as ideias do presidente da tão recente república brasileira ainda se encontravam muito atreladas aos mesmos ideais portugueses, obedecendo aos pedidos dos republicanos portugueses para barrar os Jesuítas aqui. Porém, alguns setores da sociedade e representantes políticos mostraram uma grande indignação com o ato do presidente.

Em um trecho da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 24 de fevereiro no ano de 1891, citado no estudo intitulado, *O Retorno dos Jesuítas ao Brasil: a República e a Educação na Bahia*, das professoras Jaci Maria Ferraz de Menezes e Elizabeth Conceição Santana (2012, p.247), está retratada a separação entre o Estado e a Igreja, prevê a liberdade de ensino como também o estímulo ao desenvolvimento das artes, letras e as ciências desde que atuem em conformidade com a legislação em vigor:

Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil- 24 de fevereiro de 1891
Preâmbulo

Nós, os representantes do povo brasileiro, reunidos em Congresso Constituinte, para organizar um regime livre e democrático, estabelecemos, decretamos e promulgamos a seguinte:

Título I – Da Organização Federal

Art. 1º - A Nação Brasileira adota como forma de Governo, sob o regime representativo, a República Federativa, proclama a 15 de novembro de 1889, e constitui-se por união perpétua e indissolúvel das suas antigas províncias, em Estados Unidos do Brasil.

.....
Art.11 – É vedado aos Estados como à União:

.....
§ 2º) Estabelecer, subvencionar ou embaçar o exercício de cultos religiosos.

.....
Capítulo IV – Das atribuições do Congresso

Art. 35 – Incube, outrossim, ao Congresso mas não privativamente.

.....
§ 2º) Animar, no paiz o desenvolvimento das letras, artes e sciencias, **bem como a imigração**, agricultura, a industria e o commercio, sem privilégios que tolham a acção dos governos locais.

§ 3º) Criar instituições de ensino superior de e secundários nos Estados.

§ 4º) Prover a instrução secundária no Distrito Federal.

Além de conhecerem os territórios brasileiros, os Jesuítas Portugueses possuíam a Constituição Republicana a seu favor, principalmente no que concerne ao estímulo do sistema de ensino, como também a liberdade a cultos religiosos, já que nesse momento a Igreja torna-se independente do Estado e desatrelada ao poder civil. É nesse contexto que Dom Antônio de Macedo Costa passa a visualizar a constituição brasileira como uma evolução, pois a Igreja não estava subordinada ao poder do civil, como descrito em AZEVEDO (2006, p. 16). A partir deste momento, o Bispo Dom Antônio Macedo Costa passa a exercer uma liderança, ao traçar novos rumos para a igreja católica no Brasil.

A história mostra que foi nos territórios de brasileiros onde os Jesuítas portugueses encontraram solos férteis para desenvolver suas missões e reorganizar a companhia que se encontrava dispersa em vários outros países.

Podemos ressaltar novamente que, com base nas leituras alocadas neste capítulo, que não foi por acaso que a Companhia de Jesus elegeu ares brasileiros para sua restauração, pois houve um estudo prévio do local em que aconteceria sua instalação, já que há séculos as missões jesuítas vinham sendo alvos de perseguições e da truculência dos governos, como dito anteriormente no tópico 1.3 deste estudo; nem sequer houve chance de serem julgados em uma corte, pois não havia acusações concretas que a pudessem condenar a congregação jesuíta.

Agora teria que ser diferente, a Companhia de Jesus não poderia arriscar sua existência novamente, para garantir que estaria assegurada estudou com cautela os

locais onde poderia se instalar, sem correrem tantos riscos. Ela volta ao Nordeste do Brasil, revisita cidades onde esteve antes, no período colonial.

Capítulo 2

JESUÍTAS PORTUGUESES EM FORTALEZA

Este capítulo buscará apresentar ao leitor a situação social e religiosa em que o Estado do Ceará encontrava-se, em principal abordaremos à cidade de Fortaleza, será mostrada a necessidade da consolidação da Companhia de Jesus nesta unidade da federação. Trabalharemos com a Igreja do Cristo Rei e a sua Casa de Retiros, visto que são edificações essenciais para a consolidação de um colégio de cunho jesuítico na capital cearense.

2.1 Quadro Religioso no Ceará

Na República, o Estado do Ceará é caracterizado por uma economia agropastoril, onde se produzia para a subsistência e se desenvolvia uma atividade pastoril, o que não representava muito nas atividades econômicas mais valorizadas na fase republicana, daí o seu pequeno status político, pois não era um grande pólo produtor de materiais alimentícios ou de escoamento para o consumo externo, diferentemente de São Paulo e Minas Gerais que nessa época se caracterizaram por terem produções de alta escala e que, a exemplo do café, produziam para exportação.

A sociedade cearense na Primeira República é vista pelos historiadores, como atravessada por fenômenos sociais, ligados à fé, a disputa pela terra e ao banditismo, como vemos abaixo, em comentário de Cavalcante (2012, p. 232):

[...] O misticismo religioso e popular, o coronelismo, o banditismo e o catolicismo romanizado, conforme Della Cava (1976), fazem do Ceará, em nossa opinião, um interessante locus de observação das sutilezas e variações da história republicana do País.

Para cá virão os Jesuítas portugueses, instalados na Bahia, a partir de 1920. São atraídos pelo Bispo cearense e para fortalecer a Igreja Católica aqui. Em relação ao catolicismo no Ceará republicano, a mesma autora cita a impressão que o Jesuíta padre António Fernandes (1936 apud Cavalcante, 2012, p. 233), tem da sua capital, no momento em que a visita, nos anos 1930:

Fortaleza, pode-se dizer que é uma cidade nova com suas ruas muito alinhadas. As casas bem modestas, ainda que algumas delas já mostrem

pretensões de querer ombrear como as das grandes cidades. Nesta cidade quase não há carros Ford; em toda parte se veem veículos de luxo em grande número, a-pesar do péssimo sistema de calçamento das ruas. Entre Pará e Recife não há outra cidade tão populosa. Contudo não é pelo lado material que ela chama atenção do visitante, mas sim pelo progresso religioso. Sob este aspecto nem Rio, nem São Paulo, nem Baía, nem Recife, me causaram tanta impressão como a Metrópole da Terra da Luz.

Com este relato acima se torna claro que Fortaleza destacava-se entre outras cidades do país, como cidade católica e mesmo moderna, visto que até famílias influentes da sociedade participavam de ações religiosas e estava bem equipada do ponto de vista urbano. Todas essas construções religiosas acaloravam ainda mais o debate republicano e de suas forças ateístas que atuavam no Estado do Ceará, não foi por acaso que foram criados o jornal “O Nordeste” e o Banco Popular de Fortaleza. No que diz respeito ao diário “O Nordeste”, Cavalcante (2012, p. 237) caracteriza muito bem a função social e política do jornal católico:

É necessário que se diga da função relevante que o jornal católico *O Nordeste* tem nessa política de enfiamento do pensamento laico, divulgação da ação católica no Ceará e de sua articulação com as diretrizes do vaticano e da Igreja Católica no Brasil. (...)

Diante deste quadro de discussão, entre o debate laico e a religião é que os católicos empregam o seu projeto civilizador; afinal não poderia haver ambiente melhor naquele momento de fortalecer uma cultura de religiosidade nas escolas, e agora com o retorno dos Jesuítas ao nordeste do Brasil, poderiam dar prosseguimento com mais intensidade às atividades de educação escolar empregadas pela Cia de Jesus. Assim, quanto ao quadro social em que o retorno dos Jesuítas acontece, Cavalcante (2012, p. 238) explicita que: “irá ocorrer no quadro de catolicismo em ebulição, que acolhe a sua missão catequética, com fé redobrada no princípio civilizador do cristianismo.”

Diante do exposto, o sociólogo baiano, Thales de Azevedo (1981 apud Cavalcante, 2012, p. 239), defende outro importante aspecto do entrelaçado em que se encontra a religião com o civismo brasileiro, ao mesmo tempo em que nos mostra o quadro social em que se dá o retorno dos Jesuítas:

[...] Não é descabido sugerir, que vige no Brasil uma tensão entre o espírito cristão que marca nossa história e uma versão de humanismo que teria como função, motivar: a ordem, o desenvolvimento, a modernização; humanismo no sentido pragmático e de um teísmo, quase um deísmo, aconfessional, que se justificaria pela neutralidade estatal e pelo pluralismo religioso verificado no país. Não custa entender que a doutrina estatal

deriva do conflito com interpretações da doutrina social cristã e católica para o ideário do sistema autoritário e tecnocrático, a que não é alheia uma forma mentis positivista. Resulta para a Nação um dilema político. A tese que esboçamos, vale advertir, não se destina a justificar ou absolver a Igreja, mas, antes, a introduzir um novo critério na apreciação dos fenômenos que a envolvem junto com o Estado e a sociedade.

2.2 Igreja do Cristo Rei e a Casa de Retiros em Fortaleza

Conforme estudo de AZEVEDO (1986), os Jesuítas portugueses vieram da Bahia para o Ceará com o projeto de construir uma Escola Apostólica, que seria feita em Baturité. Mas para tanto, precisavam antes ter uma Residência em Fortaleza.

O historiador jesuíta mostra que as construções mais admiráveis dos Jesuítas portugueses em Fortaleza foram a Igreja de Cristo Rei e a Casa de Retiros. O Pe. Carlos Coppex, citado na obra de Azevedo (2006, p. 126) “considerava a residência de Fortaleza com uma extensão da Escola em Baturité”, visto que o local servia como apoio para eventos, pois possuía um amplo estacionamento e a igreja ainda podia-se beneficiar do campo de esportes do Colégio Militar de Fortaleza (CMF).

Uma fotografia da época mostra a localização da Igreja do Cristo Rei, no bairro Aldeota, próximo ao Colégio Militar de Fortaleza, conforme vemos abaixo:



Fonte: <http://www.genealogy.com/users/d/o/i/Colgio-M-Dois/PHOTO/0050photo.html>⁵

⁵ Descrição do site: Foto muito rara. Dá prá gente notar a Igreja do Cristo Rei, a Praça defronte ao CMF (não existia ainda o Estádio Eudoro Correa) e também um casarão, do qual eu recordo-me bem, que ficava na esquina da Santos Dumont com Nogueira Acioly.

Cavalcante (2012, p. 241) aponta detalhes da intenção na construção da Casa de Retiros em Fortaleza ao lado da Igreja de Cristo Rei, mostrando sua real função no desenvolvimento do papel social e político, principalmente, no refere se ao estímulo da criação de ações voltadas à expansão da Companhia de Jesus:

Ressaltamos que a Casa de Retiros construída ao lado da Igreja do Cristo Rei, em prédio adequado e suntuoso, apresentava capacidade de acolher dezenas de participantes interessados, em geral, integrantes da elite política e intelectual católica daquela cidade, dado que se tratava de um trabalho de refinamento espiritual e intelectual daquela elite, estritamente masculina, em prol do fortalecimento do catolicismo no meio local e em todo o Estado do Ceará, definido como parte integrante do território alvo de ação da *Missão Setentrional da Província Portuguesa dos Jesuítas Dispersos*, com sede em Salvador, Bahia.

Convém assinalar que a ofensiva católica no Ceará encontra adversários ferrenhos, por parte de um segmento representado pelo pensamento laico,[...]

De forma geral, percebe-se que as edificações Jesuítas não derivam do acaso, são muito bem localizadas e os terrenos bem estudados a fim de possuírem o maior aproveitamento possível de seus espaços, como também da comunidade local; assim, não foi diferente com a Igreja do Cristo Rei que fica próximo CMF. Os militares que sempre se caracterizaram por constituírem uma parte da elite cearense sediam os espaços do CMF para os atos católicos em geral, logicamente com atuações dentro da instituição militar, a CJ disseminava e fortalecia seus ideais cristãos no meio militar a fim de consolidar sua atuação na capital cearense, é nesse contexto de conjuntura da atuação da igreja com os militares que Cavalcante (2012, p. 240) explicita:

A construção do complexo do Cristo-Rei se dará no lago fronteiro ao Colégio Militar do Ceará, uma zona nobre e de expansão da cidade, onde a aproximação de tais forças pode ser percebida em seus diálogos, mútua simpatia e presença em cerimoniais e festejos, desfiles cívico-patrióticos e cortejos religiosos, particularmente, quanto ao intuito de sedimentação do processo de cristianização almejado pelo Clero cearense e fortificação do ideal patriótico pelos militares.

O complexo formado pela Residência e Igreja do Cristo Rei nos interessa muito neste estudo porque será nele que terá origem uma idéia de Escola que, com o passar do tempo, dará origem ao Colégio Santo Inácio de Fortaleza. Sobre esse assunto, trataremos no próximo tópico.

Capítulo 3

PERCURSO HISTÓRICO DO COLÉGIO SANTO INÁCIO DE FORTALEZA – DA PRÉ-ESCOLA APOSTÓLICA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA (1953) À ATUALIDADE (2014).

Este capítulo busca em linhas gerais mostrar de início os fatos que proporcionaram a construção do CSIF, ao mesmo tempo que busca trazer uma historiografia do colégio supramencionado. Sempre apoiado nos documentos que trabalham esta época como a obra de Azevedo (2006) e em principal o Projeto Político Pedagógico do CSIF.

Além da utilização de fontes historiográficas utilizo as fontes orais, recorrendo a entrevistas como meio de buscar apoio as idéias arroladas nesta pesquisa e para complementar este trabalho trago meus relatos da vivência de estagiário no CSIF.

3.1 Percurso e Fundação do Colégio Santo Inácio de Fortaleza

3.1.1 *Preâmbulo da fundação*

A Escola apostólica de Baturité atravessava um momento de crescimento e crise, podemos notar este fato na fala de Azevedo (2006):

A Escola Apostólica representava a esperança para VPS de fazê-la mais brasileira, mas não sem dificuldade. Em 1937, contando os Padres, Estudantes Jesuítas e irmãos, um o total de 45 Jesuítas e mais os 65 jovens como internos, fazia um universo de 110 pessoas. Esse número variou durante o período de nosso estudo, mas em 1952, a Escola registrou um total de 142. Devido a esse aumento, a Escola se tornou pequena e, já em 1939, os Consultores da VPS, lendo os resultados da visita de Luís Gonzaga da Fonseca, constataram a falta de espaço. Nesse ano, Em 1939, a Escola tinha 75 seminaristas e 66 Jesuítas, fazendo um total de 141 pessoas. Azevedo (2006, p. 58)

Essa situação fez com que os padres jesuítas responsáveis pelas missões procurassem meios para tornar a Escola de Baturité um colégio oficial. Azevedo (2006) discute as dificuldades encontradas pela comunidade jesuítica e comenta as discussões instaladas em volta da temática:

O Seminário Menor era um internato e tinha dificuldades para se tornar um colégio oficial devido às exigências governamentais referentes às condições de segurança do prédio. Aparício se queixava do fato de que em Nova Friburgo a equiparação fora feita sem tantas exigências, mas, para a infelicidade da Escola de Baturité, a população do município, estava mais

longe, não facilitando que alunos de lá pudessem freqüentá-la. Azevedo (2006, p. 172)

Além das dificuldades impostas pelo governo, havia a problemática do distanciamento do Seminário Menor com a população local. Em meio a toda essa discussão, o Arcebispo de Fortaleza, Dom Antônio de Almeida Lustosa solicita aos Jesuítas a abertura de um colégio em Fortaleza, pautando-se na crescente ameaça dos protestantes em Fortaleza, como é explicitado em Azevedo (2006, p. 178):

Apesar da indecisão dos consultores sobre a mudança do Seminário Menor de Baturité para Fortaleza, Dom Antônio de Almeida Lustosa, Arcebispo de Fortaleza e amigos de Jesuítas, pediu aos Jesuítas para abrir um colégio em Fortaleza. Argumentou que os protestantes estavam crescendo, evidenciado pela abertura de seu próprio colégio em Fortaleza com grande sucesso.

Conforme pudemos perceber, anteriormente, a Escola de Baturité vinha em uma demanda crescente de alunos, nos período de 1939 a 1941; porém, a cada ano que atravessava, a escola produzia um número cada vez menor de noviciado, o que tornava cada vez mais preocupante a situação futura da escola.

Em 1949, em um relatório nomeado como “Fomento de Vocações para a Escola e Noviciado”, nos é relatado de forma precisa a situação vivenciada pela Escola apostólica de Baturité:

A verdade nua e crua é que o noviciado e a Escola apostólica definham por falta de vocações de ano para ano.

Duas causas se apresentam com principais, ainda que se poderiam notar outras que por brevidade se omitem.

1. A concorrência. Quando abrimos a nossa Escola no Ceará, éramos os únicos. Todo menino que se sentia com o gérmen da vocação religiosa vinha bater à nossa porta. O Apostolicado facilmente chegava a 90 ou 100 apostólicos. E era preciso recusar a entrada a muitos. O P. Aparício é disso boa testemunha. Hoje admitem-se todos os que pedem e não chegaram a 65 entre novos e velhos.

As outras ordens religiosas animadas com o exemplo dos Jesuítas quiseram também fundar suas escolas no Ceará. Os Capuchinhos abriram uma em Messejana. Os Franciscano em Tianguá. Os Lazaistas em Barro Vermelho. Os Salvatorianos em Parangaba. Os Maristas em Missão Velha. Os Salecianos no Joazeiro. Os Sacramentinos em Caucaia; e este ano, os Padres da Sagrada Família no Crato. Se. V. Rev. pega no mapa do Ceará examina as localidades enumeradas verá que estamos rodeados de todos os lados de Escola. Apst. de outras religiões. Além disso, cada Escola tem um Padre encarregado de procurar vocações pelo interior e favorecer com esmolas, que arranja, a preparação dos enxovais e custo de viagens, etc. Sei de um franciscano que, só este ano, gastou Cr\$ 200.000,00 em preparar vocações para a sua Escola. Nós nada fazemos. Esperamos os que nos vêm bater a porta e nada mais. Se continuamos neste descaso, chegará tempo (se é que não chegou já) de virem para a nossa Escola os que os outros frades rejeitaram.

2. O desleixo da maior parte dos Nossos padres tanto Prof. dos Colégios como dos operários das Residências em interessar-se pelo aumento da nossa Escola. É doloroso afirmar isso, mas é a pura verdade...Qual a razão da esterilidade dos nossos Colégios e Residências em questão de vocações? A culpa será só dos meninos? É assunto difícil de enfrentar, mas sendo questão de vida ou morte da Vicepr. É preciso enfrentá-lo com coragem... Porque é que só nós havemos de ficar de braços cruzados e alheios ao movimento intenso vocacional que se está acentuando cada vez mais nos seminários diocesanos e nas outras ordens religiosas e até mesmo nas nossa sduas províncias do Centro e do Sul? No meu fraco entender, este assunto merece ser tratado numa consulta da Vicepr. e precisa da imediata intervenção de V. Rev. Pode ser que o pobre surdo se engane. Mas acuda a tempo, porque já é um pouco tarde e deixamos tomar o campo aos outros. Azevedo (2006, p. 173-174)

Diante do exposto, Azevedo(2006), aponta um quadro que melhor exemplifica toda a situação, no que se refere à quantidade de noviços em Baturité, entre os anos de 1937 à 1951:

Ano	Sacerdócio	Irmão
1937	9	3
1938	9	6
1939	18	6
1940	21	4
1941	18	11
1942	15	12
1943	12	8
1944	17	7
1945	15	7
1946	18	8
1947	15	7
1948	14	9
1949	8	6
1950	9	7
1951	9	6
1952	9	8

Azevedo (2006, p. 202)

Com a visível crise de noviciados que a Escola vivenciava, a discussão sobre a possibilidade de abrir um Colégio em Fortaleza tornava se cada vez maior e ganhava cada vez mais adeptos, principalmente, sabendo-se que em Fortaleza já funcionavam vários projetos bem sucedidos, como a *Obra Social da União Popular de Cristo Rei*, (Azevedo, 2006, p. 65); o *Centro Militar de Cristo Rei*, desenvolvido pelo Capelão do Colégio Militar, Pe. José Dourado, em conjunto com um grupo de Jesuítas e a *Ação Católica*, que consistia num grupo de médicos que realizavam um Retiro anual, (Idem, p. 127).

3.1.2 Historiografia do Colégio Santo Inácio de Fortaleza

Não são isolados os relatos dos pedidos em prol da abertura de um Colégio de cunho Jesuíta em Fortaleza, um destes relatos foi citado no tópico 3.1.1 desta pesquisa; mesmo com o pedido de Dom Antônio de Almeida Lustosa, com o apoio de Antônio Monteiro da Cruz e de tantas outras personalidades⁶ não tornava-se isto possível por diversos motivos, dos quais são destacados dois: “ (...) Sempre falta de recursos humanos e financeiros, principalmente financeiros”, (Azevedo, 2006, p. 179). O relato mencionado passou-se no ano de 1952, porém um acontecimento mudaria os rumos desta história:

A decisão de dividir a VPS em 1952, porém, modificou esse contexto. E, como vimos, a saída de 40 Apostólicos não animou as famílias a enviar seus filhos para a Escola e Monteiro, finalmente, convenceu os colegas de que o colégio seria uma fonte de vocações para a VPS. Mesmo assim, o colégio só iria abrir em 1956. Azevedo (2006, p. 230)

Segundo o citado Azevedo, o colégio só começaria a funcionar em 1956 como Externato Cristo Rei, porém confrontando este escrito com o Projeto Político Pedagógico (PPP) do CSIF, a fundação deste colégio está situada no ano de 1953:

É nesse contexto que situamos a fundação do Colégio Santo Inácio em 1953, na sacristia da Igreja Cristo Rei, como uma pequena escola, com o nome de Pré-escola Apostólica Nossa Senhora de Fátima, uma iniciativa do P. Monteiro da Cruz SJ, assessorado por um grupo de educadores leigos. Em 1956, em função do aumento do número de alunos, a pré-escola passou a ser chamada Externato Cristo Rei, trabalhando em regime de semi-internato. Com a boa reputação do ensino e a crescente procura de alunos, o externato continuou a crescer e passou a oferecer o ensino ginásial, com o nome de Ginásio Cristo Rei. O crescimento não parou e foi necessário um espaço maior para a ampliação do ginásio. PPP (2010, p. 23)

Nestas duas últimas citações, nota-se um desencontro de informações, já que cada documento nos remete a datas diferentes quanto ao surgimento da Escola em Fortaleza; devido a este fato trabalharemos este assunto no tópico 3.4, onde procurarei responder esta questão, através da aplicação das entrevistas com padres que vivenciaram esta época. O que se percebe em comum diante da análise das duas citações é a existência de uma fundação em 1956.

⁶ Ler a obra de Ferdinand Azevedo: Procurando sua identidade. Principalmente a leitura das páginas 179 e 230, onde são citadas diversas outras personalidades que apóiam a edificação de uma Escola em Fortaleza.

O Jesuíta P. Antônio Monteiro da Cruz, SJ, junto a um grupo de educadores funda em 1953, na sacristia da Igreja Cristo Rei, a Pré-escola Apostólica Nossa Senhora de Fátima, que funciona ali por alguns anos, até que em 1960, após várias mudanças de nome; por causa da constante adesão dos alunos foi lançada a pedra fundamental para a construção do Colégio Santo Inácio, sempre mantendo ideais Inacianos de expandir a fé católica e formar pessoas competentes para liderar.

No dia 1º de março de 1960, foi lançada a pedra fundamental do Colégio Santo Inácio no local onde hoje se encontra situado; no entanto, a mudança das turmas só aconteceu dois anos depois, com a instalação gradual das séries. O funcionamento integral do Colégio, com todas as séries, se deu 9 anos depois, em 1971. PPP (2010, p. 23)

3.2 O Relato Oral: memórias e testemunhos de Jesuítas

As entrevistas foram realizadas na Casa Inaciana da Juventude, localizada na Rua Nogueira Acioli, 805 – Aldeota, no dia 6 de junho de 2014, iniciadas por volta das 16 horas. Foram realizadas um total de três entrevistas que buscaram reforçar os assuntos tratados aqui, como também responder aos questionamentos que surgiram, durante a realização desta pesquisa.

As entrevistas aconteceram, simultaneamente, porém, para melhor sistematização dos discursos orais, trabalharemos uma de cada vez. Antes de perguntar sobre o percurso do Colégio Santo Inácio, indagamos sobre dados biográficos e de formação dos nossos entrevistados.

I - Começaremos pelo Pe. Pedro Alberto Campos, 84 anos, nascido em Mulungu, na Serra de Baturité. Iniciou seus estudos no Seminário, em Fortaleza.

Nessa longa trajetória, ele conta que tudo começou aos oito anos de idade, quando um padre o convidou para ser sacristão, sempre recebendo apoio de sua família; aos 11 anos de idade, ele percebeu que ser padre era uma vocação dele “era a vontade de Deus”.

Foi perguntado a ele como eram trabalhadas as temáticas que envolvem política, orientação sexual, entre outros assuntos atuais; do que se passava na sociedade da época. Pe. Campos relata “não se falava muito na questão política, apenas se acompanhava o que acontecia lá fora”.

Pe. Campos, como é conhecido por todos, em seu meio, iniciou seu noviciado em 1947, foi professor do Pe. Pedro Vicente em Baturité em 1956, que também foi

entrevistado aqui. Pe. Campos revela alguma das disciplinas que ele estudou: Filosofia, Latim, Português, Literatura. Realizou três anos de magistério. Viajou para o Rio Grande do Sul em 1957 e ordenou-se em 1959. Percebe-se que a formação dos Jesuítas é longa e complexa, nota-se que sempre é procurado trabalhar com as aptidões que cada um possui, a fim de tirar o melhor proveito do trabalho de cada jesuíta.

Pe. Campos relata que sempre gostou de trabalhar com área administrativa, de modo que em um período de sua vida ele é conhecido como “administrador”. Neste período, em 1972, ele foi Diretor administrativo do CSIF e relata que foi ele que deu início à construção de uma cobertura na quadra do CSIF, “ Quando vi aqueles alunos pisando naquela quadra, meio dia”, ele logo comenta “ isto não está certo”, Pe. Campos afirma que a primeira quadra coberta de Fortaleza foi a do colégio Santo Inácio, quadra esta financiada com empréstimo bancário; para ele esta construção da cobertura na quadra chamou muito a atenção da sociedade e logo a escola foi ganhando mais adeptos.

Pergunto ao Pe. Campos como era a movimentação na década de 50, quanto ao que se refere à edificação de uma escola em Fortaleza e ele revela um dado muito relevante para esta pesquisa: “Pe. Monteiro construiu a escola de graça, fazendo o seguinte, ofertando bolsas de estudo”, essas bolsas funcionavam do seguinte modo, quando o menino completava 2 ou 3 anos, os seus pais começavam a pagar as mensalidades e quando a escola estivesse construída, os alunos que terminaram de pagar aquele investimento teriam uma bolsa de estudos no colégio. Pe. Campos afirma que: “ de outra forma ele não faria, porque não tinha dinheiro algum”. Ainda relata um pouco sobre a localização do colégio: “ Em uma área das mais caras de Fortaleza, localizado ali na Desembarcador Moreira, localiza-se em uma parte alta de Fortaleza, de maneira que é considerado um ponto ideal para o crescimento e até torna-se mais luxuoso”, confirmando assim a ideia lançada nesta pesquisa, no tópico 2.2 onde trato do estudo prévio realizado pelos jesuítas antes da edificação de qualquer construção.

Para finalizar a entrevista é questionado: qual é o maior desafio que a Igreja atravessa hoje? Pe. Campos é bem pontual “o avanço dos outros grupos religiosos”, mesmo perdendo fiéis ele aponta um aspecto positivo “o católico que fica tem mais força”.

II - Pe. Pedro Vicente, o segundo entrevistado, possui 72 anos. Estudou Pedagogia com habilitação em orientação educacional, habilitação em magistério e administração escolar. Nota-se que o direcionamento do Pe. Vicente é totalmente voltado à prática pedagógica, diferentemente do Pe. Campos, que foi direcionado para a área administrativa. Não são casos isolados, como foi dito anteriormente; procurava-se adaptar as aptidões de cada um com as áreas de interesse da Companhia.

Estudou na Pré-escola Apostólica Nossa Senhora de Fátima (1955); ele relata que “surgiu um padre muito carismático, chamado por Pe. Monteiro da Cruz e meus pais se empolgaram com a mensagem dele”. Questiono se esta Pré-escola Apostólica Nossa Senhora de Fátima se caracterizava por ser uma escola ou funcionava como um projeto social ligado à CJ. Ele afirma que: “a Pré-escola Apostólica Nossa Senhora de Fátima se caracterizava sim como uma escola”. Respondendo assim ao questionamento levantado nesta pesquisa no tópico 3.2.

Estudou na Escola Apostólica de Baturité e revela que não estava na escola com a intenção de tornar-se padre; percebe-se claramente nesta afirmação que as pessoas chegavam a viajar para poder ter acesso a excelência do ensino jesuítico.

Revela que foi em Baturité que iniciou seu processo de identificação lenta com os trabalhos espirituais, que eram trabalhados no grupo no qual estava inserido.

Indagado sobre as temáticas que envolvem orientação sexual, política, enfim os dilemas que a sociedade atravessava no período em que estudava no noviciado, Pe. Vicente afirma que: “esses temas não foram bem ventilados, trabalhava-se mais na linha pedagógica”. Pergunto ainda se a sociedade participava da construção da pedagogia inaciana e ele responde “a comunidade escolar sim, a sociedade nem tanto”.

Ordenou-se em 1972, e quando questionado sobre a pedagogia inaciana ele expõe: “O principal é a formação espiritual com a dimensão da espiritualidade inaciana (...). Não é somente pensar em si mesmo, mas nos outros, no serviço voltado aos outros, todos os colégios da têm esse trabalho voluntário, ir na favela, trabalhar em creche entre outros”.

III - Pe. Roberto Barros Dias, estudou no CSIF nos anos de 1984 a 1986. Ao ser questionado sobre o tratamento que o colégio dava às questões sociais no período em que ele estudou no CSIF ele afirma que existia uma atividade chamada

“formação” e uma disciplina nomeada como “educação religiosa”, que em conjunto trabalhavam os assuntos para além da sala de aula. A formação se dava fora do colégio através do contato com a comunidade, também conhecida como favelas; freqüentavam asilos, creches, entre outros espaços.

Pe. Roberto relata que a discussão em volta dos temas transversais ou chamados interdisciplinares se dava no Sítio Montevideu, onde os alunos passavam o período da manhã em formação.

As discussões em torno da política eram mais acaloradas, devido principalmente à presença do professor Durval, membro do PT, que logo mais se tornaria vereador de Fortaleza; e principalmente ao acontecido recente, que foi a vitória de Maria Luiza Fontenele, que acabará por tornar-se prefeita de Fortaleza.

Perguntado sobre seus primeiros questionamentos vocacionais, ele afirma que se deu em Baturité: “sempre se respirou um ar muito religioso em Baturité”, o que colaborou muito para a sua decisão de seguir os rumos do noviciado.

Indago a Pe. Roberto sobre os motivos de haver tanta decadência no número de noviciados e de imediato ele responde que “existe um individualismo muito forte na juventude, e a vida religiosa pressupõe uma prática mais coletiva, vivência compartilhada, e isso implica em renunciar, implica em sacrifícios”.

Pergunto se o colégio possuía atividades que procurassem vocacionar os alunos para a vida espiritual, “sempre teve atividades religiosas, retiros para jovens do CSIF, não era uma atividade voltada para a promoção vocacional, era um trabalho com a juventude, desses grupos e dessas atividades, alguns se questionavam sobre a vocação espiritual”, outro dado importante para esta pesquisa é quando Pe. Roberto diz “A escola jesuíta contemporânea não assume a intenção de vocacionar os alunos para a vida espiritual, existe na CJ um trabalho específico com a juventude e vocações”.

Ainda questiono Pe. Roberto, o que é para ele a pedagogia inaciana e como ela vem mudando com o passar dos anos:

A pedagogia inaciana tem como ponto de partida os exercícios espirituais de Santo Inácio, esse método espiritual escrito no século XVI inicia com o princípio de que toda pessoa humana foi criada para reverenciar, servir e amar a Deus e mediante a isso salvar a sua alma, como também discernir sua vida e ordenar seus afetos. Pe. Roberto Barros Dias (2014)

Quanto à mudança que a pedagogia inaciana vem sofrendo ele expõe: “A pedagogia inaciana é a mesma do século XVI, o que acontece é que há uma

mudança criativa e ao mesmo tempo fiel aos princípios inicianos que são os exercícios espirituais”.

3.3 Percepções no Estágio: EJA no turno da noite.

Realizei meu Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental II – Educação de Jovens e Adultos (EJA), disciplina obrigatória do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, no Colégio Santo Inácio de Fortaleza, no período de 07 de outubro de 2013 a 18 de novembro de 2013. A escolha do local foi proposital, a fim de conhecer melhor o espaço, funcionamento, rotina pedagógica e o comportamento dos membros que compõem a escola (alunos e funcionários).

O CSIF de Fortaleza tem o ensino noturno caracterizado por ser filantrópico, (uma característica das atividades jesuítas é trabalhar com projetos que visem o crescimento da comunidade, crescimento este pessoal e espiritual).

O Exercício Espiritual esteve presente em todos os dias em que estive presente na escola, tanto que sempre no início das aulas a professora regente da turma conversava com os alunos sobre os acontecimentos diários e, muitas vezes, ela comentava sobre a importância do exercício espiritual na vida de cada sujeito, demonstrando nesta atitude uma preocupação na humanização dos alunos. Diferentemente de muitas outras escolas, que visam apenas a transmissão de conteúdos, o CSIF, ligado à rede jesuítica de ensino, busca ofertar algo de diferente para seus alunos, além das disciplinas obrigatórias que todos os colégios possuem devido a exigência do Ministério da Educação (MEC), o CSIF busca aflorar a espiritualidade dos seus alunos, trazendo para a sala de aula discussões mais abrangentes que só os conteúdos da integralização curricular.

O CSIF é o único colégio particular que possui a EJA, os professores do turno noturno são os mesmos que regem as aulas no período matutino e vespertino. No momento em estagiei no CSIF, no período noturno funcionavam as seguintes séries: 6º e 7º ano do ensino fundamental II, 1º, 2º e 3º anos do ensino médio e salas de EJA I, II e III, no horário das 18h40min às 21h55min.

A escola não cobra nenhum tipo de mensalidade, é totalmente filantrópica durante a noite, apenas a blusa usada como fardamento é que tem um pequeno custo para os alunos. Além disso, a cantina que é um serviço terceirizado de alimentação da escola oferece lanches no período da noite com valores mais

acessíveis do que os regularmente cobrados nos demais turnos. Nota-se que o grupo gestor, composto principalmente pelo Diretor, o padre Eugênio Pacelli, Vice-Diretor o padre Darly e o Diretor Administrativo, padre Luiz Gonzaga, preocupa-se com cada detalhe da estrutura e do funcionamento da escola, visto que a noite é trabalhado um público diferenciado, que por diversos motivos, atrasaram sua vida escolar.

Os alunos são incentivados em vários momentos a participarem dos eventos da escola (gincanas, missão, eucaristias, confraternização de natal, feira de ciências entre outros); na época em que estagiei houve uma Olimpíada. Observei que a tradição esteve presente em todos os momentos, desde a cerimônia de abertura ao encerramento. A foto abaixo foi tirada na abertura, note a bandeira da Espanha no fundo da foto, homenageando o fundador da CJ Inácio de Loyola:



Fonte: Arquivo pessoal

Ainda durante minha experiência no estágio entrevistei uma professora, chama-se S.M.A. É formada em pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, no ano de 2002. Ela diz que a educação deu um rumo diferente na sua vida, iniciou com turmas de EJA em 2007 e para ela este fato foi uma grande conquista.

Quanto à educação inaciana a professora S.M.A. diz:

É sem dúvida, um marco, no processo funcional da minha experiência tanto humana quanto acadêmica e profissional. Atuar numa proposta além do seu tempo, desafiadora e relevante é um prazer. A práxis do educador inaciano não pode ficar isolada, alheia aos problemas sociais. Então, não existe fazer pedagógico sem planejamento, preparação, sedução. Realizamos o plano de curso, elaboramos projetos fixos e móveis, atividades transdisciplinares e também ouvimos as opiniões dos alunos no que diz respeito ao que desejam pesquisar, aprender e desenvolver.

Ainda fala que o CSIF atua numa gestão democrática, integrando saberes e fazeres de maneira dialética. S.M.A. é professora polivalente com especialização em arte e educação, trabalha desde 1995, na docência e diz se identifica bastante com o ensino da matemática, buscando sempre tornar suas aulas mais atrativas relacionando o conhecimento prévio dos alunos com a atualidade e suas transformações, característica essa que dialoga com a educação inaciana. Em seu discurso afirma que “no decorrer do ano letivo encontramos sérias dificuldades, mas a maior delas é a evasão escolar, pois a maioria dos alunos do período noturno são trabalhadores e não conseguem concentrar-se nas atividades e ficam desmotivados facilmente”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui realizado permitiu-nos ver que, em meio a tanta efervescência católica, o complexo Igreja do Cristo Rei, como Residência, Paróquia e Casa de Retiros, sob a responsabilidade da Companhia de Jesus, cumpriu um papel importante para o fortalecimento do catolicismo na capital do Ceará.

A partir da leitura de vários documentos trazidos pelos historiadores consultados, tornou-se notável para nós que a formação do Colégio Santo Inácio deriva de uma multiplicidade de acontecimentos históricos e políticos, originados na Primeira República brasileira, levando em consideração diversos fatores locais, conforme DELLA CAVA, 1976, Apud Cavalcante (2012) explicita: o misticismo religioso e popular, o coronelismo, o banditismo e o catolicismo romanizado, também na 2ª República, porque Getúlio Vargas e o Estado Novo vão abrir à participação dos Jesuítas no debate sobre um plano nacional de educação.

Essa ambiência social cria todo um meio favorável para a acolhida dos missionários Jesuítas Portugueses exilados de Portugal pelos republicanos em 1910 e instalados em Salvador, Bahia, quando eles decidem expandir a sua Missão para o Norte, chegando a Fortaleza, em 1919, para abrir uma Escola Apostólica, como já foi relatado, com a ajuda dos historiadores escolhidos, em Baturité.

A Residência e Igreja e Paróquia do Cristo Rei, situadas em pleno coração da Aldeota, bairro em expansão e ocupado pela elite de Fortaleza, numa área enorme de quase um quarteirão quadrado, traz uma reunião de pessoas e famílias católicas para essa área. A presença de crianças e jovens e da atividade de catequese e ação pastoral, acaba por criar um convívio favorável, primeiro a uma escolinha primária, depois a um Colégio maior.

É quando se dá a edificação de uma Escola de cunho Jesuíta e com um nome que, em si mesmo, consegue explicar sua história, interesse e finalidade, do ponto de vista educativo, pois está ligado ao fundador da Companhia de Jesus, a favor da cristianização de crianças e jovens em Fortaleza. Jovens que são parte de uma elite, já que o Colégio Santo Inácio é pago. Ao formar essa elite, os Jesuítas podem influir na política do Ceará, porque se formos estudar para onde vão esses alunos depois, veremos que eles estão em lugares de gestão e mando. Mas esta é uma pesquisa para desenvolvermos depois.

Neste estudo compreendemos que um Colégio contém uma história muito maior do que seus muros e a cidade onde está instalado.

No caso do Colégio Santo Inácio, vemos que ele integra um projeto missionário de uma Ordem Religiosa que foi criada no século XVI. Deriva de uma Missão de Padres portugueses exilados, é um projeto vitorioso porque esta instituição escolar continua atual, em pleno funcionamento até hoje.

É um exemplo de como estudar a educação em perspectiva comparada, pois é uma história internacional, regional e local ao mesmo tempo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Berenice. **Intrépidos romeiros do progresso**: maçons cearenses no Império. Fortaleza: Museu do Ceará - SECULT - CE, 2009.

Azevedo, Ferdinand, **Procurando sua identidade**: a difícil trajetória da vice-província do Brasil setentrional da Companhia de Jesus nos anos 1937 a 1952 / Ferdinand Azevedo. – Recife: FASA, 2006. 293p.: Il.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia, Projeto de Pesquisa: **Os Jesuítas Portugueses e a Educação no Norte–Nordeste do Brasil – Século XX**, 2010. Cadastrado no CNPQ - Bolsa PQ (2011-2014) e (2014-2017).

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia, **O Debate Republicano, a Religião Civil Brasileira, os Jesuítas e o catolicismo no Ceará**. In:_____. História da Educação: república, escola e religião / organizado por Maria Juraci Maia Cavalcante. Patrícia Helena Carvalho Holanda, Zuleide Fernandes de Queiroz ... [et al]. – Fortaleza: Edições UFC, 2012.

Características da Educação da Companhia de Jesus: : educação S. J., subsídios - 4. ed. / 1998 – Livros

Colégio Militar de Fortaleza em 1940! Disponível em: <
<http://www.genealogy.com/users/d/o/i/Colgio-M-Dois/PHOTO/0050photo.html>>.
 Acesso em: 16 de maio de 2014.

Colégio Santo Inácio: Projeto Político-Pedagógico, Fortaleza, 2011-2014.

Colégio Santo Inácio – Visão de futuro. Disponível em: <
<http://www.fortalezanobre.com.br/2010/11/colégio-santo-inacio-visao-de-futuro.html>
 >. Acesso em 16 de maio de 2014.

FALCON, F.J.C. **Iluminismo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

FERREIRA NETO, Edgard Leite; ANDRÉS GALLEGO, José. **Notórios Rebeldes: A expulsão da Companhia de Jesus da América Portuguesa** (segunda edição) in ANDRÉS-GALLEGO, José (coord.): **Tres Grandes Questiones de la Historia de Iberoamérica**. 2. ed. Madri: Fundación Ignacio Larramendi, 2005. v. 1. 306p.

FREITAS NETO, José Alves de, **História Geral e do Brasil** / José Alves de Freitas Neto, Célio Ricardo Tasinafo, -- 2. ed. – São Paulo: HARBRA, 2011.

JEAN, Georges. **La Escritura: memoria de la humanidad**. Tradução Enrique Sánchez Hormigo. Barcelona: Ediciones B, S. A., 1998.

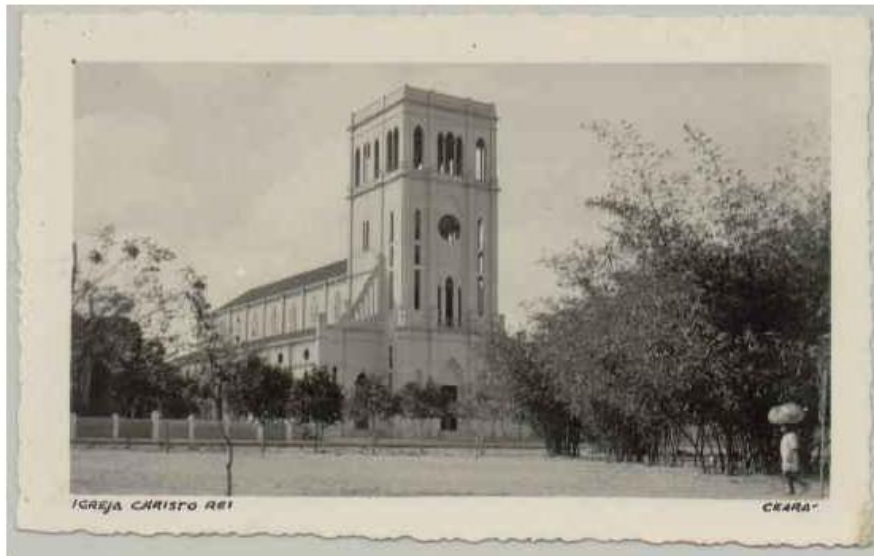
MAXWELL, K. **Marquês de Pombal: Paradoxo do Iluminismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Mullet, Michael, **Contra-Reforma: e a Reforma Católica nos princípios da Idade Moderna Européia**, A / 1985 – Livros

Sismo de Lisboa de 1755. Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Sismo_de_Lisboa_de_1755#mediaviewer/Ficheiro:Lisbon_1755hanging.jpg. Acesso em: 30 de maio de 2014.

ANEXOS

I) FOTOGRAFIAS



Fonte: <http://www.fortalezanobre.com.br/2010/08/as-igrejas-e-suas-arquiteturas.html> 16-05 as 16:41
Descrição do site: Postal Igreja Cristo Rei – Anos 30



Fonte: <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2011/03/cenarios-da-fortaleza-antiga.html> acesso: 16-05 às 16h48min

Descrição do site: À esquerda, emoldurado por lampiões de gás, o Mercado de Ferro. Avenida Santos Dumont, com a igreja do Cristo Rei, os trilhos por onde corria o bonde do Outeiro e o amplo espaço onde anos mais tarde, seria construída uma praça.



Fonte: <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2011/03/cenarios-da-fortaleza-antiga.html> acesso: 16-05 às 16h48min.

Descrição do site: A mesma Avenida Santos Dumont. A casa ao lado da igreja desapareceu, bem como os trilhos do bonde.



Fonte: <http://www.fortalezanobre.com.br/2010/11/colégio-santo-inacio-visao-de-futuro.html>

Descrição do site: 1960- Depois de 7 anos instalado na Igreja Cristo Rei, o Colégio Santo Inácio é inaugurado oficialmente no dia 1 de março, com a Pedra Fundamental do novo prédio-que só recebeu alunos 2 anos depois.



Fonte: <http://www.fortalezanobre.com.br/2010/11/colégio-santo-inacio-visao-de-futuro.html>

Descrição do site: 1972 – O Colégio Santo Inácio abre turmas mistas: é a primeira escola religiosa a admitir meninos e meninas na mesma sala. Nova sede passa por reformas: em 1973 é construído o ginásio coberto.

II) INSTRUMENTO BASE PARA COLETA DE DADOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data: _____

Local: _____

Entrevistado (a): _____

Horário de Início da Entrevista: _____

Horário de término da Entrevista: _____

1. Em que colégio jesuíta você estudou? O ano em que iniciou seus estudos e quando descobriu sua vocação para a igreja?
2. Em sua opinião qual a principal função do modelo de sistema de ensino Jesuítico?
3. Durante seu processo de ensino-aprendizagem a instituição de ensino em que você estudou procurou principalmente, lhe formar para a catequese, ou procurou incentivá-lo a conhecer os demais ofícios? Houve limitações por parte da instituição?
4. Você acredita que o modelo de educação Jesuíta (principalmente no que se refere a instrução da política, gênero, sexualidade e transformações em geral que a sociedade atravessa) da época em que você frequentou o ensino regular arrolava os temas transversais? Se abordava como era tratado tais assuntos?
5. Para você, a pedagogia Inaciana procura impor suas metodologias ou dialoga conforme a cultura que está inserida? De que forma acontece?
6. Se dialoga, a sociedade participa de que forma da construção da pedagogia Inaciana?

7. Para você, conforme os objetivos da educação jesuítica o Colégio Santo Inácio de Fortaleza vem alcançando seus objetivos? Se não o que faltou? (apontar aspectos que possam ser aprimorados).